

O PREÇO DO RECUO

Quando sustentar deixa de ser vocação e vira hábito, recuar em silêncio devolve a quem se entrega o descanso que os céus preparam além dos bens terrestres.

Há um momento na vida de quem sempre sustentou situações, pessoas e instituições em que sustentar deixa de ser vocação e passa a ser hábito. Ninguém avisa quando isso acontece. Continua se carregando o mesmo peso pelos mesmos braços, só que agora o peso já não edifica quem o carrega, apenas o consome. É nesse ponto que nasce a pergunta que poucos têm coragem de fazer: o que acontece quando eu paro?

Recuar não é abandonar. É a decisão de deixar de sustentar situações para sustentar, enfim, a si mesmo. Essa decisão tem preço, porque todo espaço que se abre incomoda quem estava acostumado a ocupá-lo com a certeza de que sempre haveria alguém ali, disponível, pronto a resolver. Quando esse alguém se retira, o vazio que fica não é falha, é revelação: mostra o quanto a presença de quem sustentava havia se tornado estrutura, e não mais dádiva livre.

A tentação, nesse instante, é justificar o recuo como um direito conquistado pelo outro, como se o espaço aberto fosse um presente que se dá a quem fica. Há uma distinção que precisa ser feita com firmeza: abrir espaço não porque o outro precisa dele, mas porque eu mereço vivê-lo, é gesto de outra ordem. O primeiro movimento ainda olha para fora, mede-se pela reação alheia, busca aprovação de quem recebe. O segundo movimento olha para dentro, e por isso é mais silencioso, mais sóbrio, menos disposto a explicações.

É aqui que a Pedagogia da Ausência encontra seu sentido mais maduro. Ausência não é fuga nem punição, é formação: forma quem se retira, porque o obriga a se encontrar consigo mesmo sem a moldura das funções que exercia; e forma quem fica, porque o obriga a crescer sem a muleta que a presença alheia oferecia. O mesmo vale para a Pedagogia do Silêncio: quando se deixa de explicar cada decisão, cada gesto, cada convicção, abre-se espaço para que o outro descubra por si mesmo aquilo que antes lhe era entregue pronto.

A Escritura nomeia esse movimento com clareza. Em Gálatas 5,1, lê-se: “Para a liberdade Cristo nos libertou; permanecei, pois, firmes, e não torneis a colocar vos debaixo do jugo da escravidão.” A liberdade ali descrita não é ausência de vínculo, é ausência de jugo, daquilo que escraviza mesmo revestido de dever, de cobrança social ou de expectativa alheia. Em Mateus 11,28, a promessa é dirigida justamente a quem está cansado: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” O alívio pressupõe o reconhecimento do cansaço, e o cansaço de quem sustentou por décadas não é fraqueza, é o preço natural de ter dado mais do que recebeu de volta.

O recuo tem, de fato, um custo, e negar isso seria desonestidade. Custa a quem se afasta, porque a identidade construída em função do sustentar precisa ser reaprendida fora dessa função. Custa a quem fica, porque a ausência revela dependências que a presença constante havia disfarçado de normalidade. Por isso o recuo verdadeiro não busca aplauso nem precisa de reconhecimento imediato: ele sabe que o presente que oferece a si mesmo, o de finalmente descansar, é menor diante do presente que os céus reservam a quem entrega tudo, inclusive o próprio cansaço, nas mãos de Deus. O bem terrestre que se acumula, se usa, se distribui aos filhos, é instrumento, não fim; o fim é o bem celestial que nenhuma partilha terrena consegue igualar.

Na lavoura, sabe-se que a terra deixada em pousio não está ociosa, está se refazendo. O agricultor que insiste em plantar sem descanso empobrece o solo até ele não produzir mais nada. O recuo é o pousio da alma: período em que não se planta nada visível, mas em que a terra interior recompõe o que os anos de entrega consumiram. É assim, no silêncio de quem aprendeu a podar antes de florescer de novo, que o “pó da terra” de que fomos formados (Gênesis 2,7) volta a ser terreno fértil, e não apenas terreno gasto.

Quem recua com essa consciência não carrega ressentimento, porque não está cobrando nada de ninguém, apenas devolvendo a si mesmo o que havia, por tempo demais, distribuído aos outros sem reserva. É justamente por não cobrar que o recuo se torna, paradoxalmente, o gesto mais generoso: liberta o outro de uma presença que já pesava, e liberta a si mesmo para finalmente viver, no silêncio e na terra, o descanso prometido a quem trabalhou até o fim.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Gálatas 5,1.

BÍBLIA SAGRADA. Mateus 11,28.

BÍBLIA SAGRADA. Gênesis 2,7.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia e desenvolvedor da Agroteologia. Mestre em gestão de políticas públicas, dedicou quatro décadas à extensão rural, à administração pública e ao cooperativismo, e hoje se dedica à escrita, à palestra e ao Sítio Agrosafia, em Camboriú, Santa Catarina.